

O PROTAGONISMO SOCIAL FEMININO NA CIDADE DE NOVA PALMEIRA-PB ENTRE 1985 A 1995

Priscila Mayara Santos Dantas

Universidade Federal da Paraíba. E-mail: pri_msd@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo problematizar as experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira-PB, entre os anos 1985 a 1995, intencionando analisar os movimentos sociais encabeçados por elas ao longo dessa atuação e quais espaços de poder foram se “edificando” nesse percurso, uma vez que nos deparamos, dentro do recorte temporal estabelecido, com a constituição de um movimento sindical rural direto e com a formação do Partido dos Trabalhadores (PT), este tomado enquanto espaço institucionalizado e direcionado por elas. O mapeamento das práticas femininas em consonância com as entrevistas realizadas e arquivos visitados, permitiu tecer uma história ainda não contada pela historiografia. Além da revisão bibliográfica sobre o tema, tive as contribuições de análise metodológica sobre o cotidiano, tecidas por Michel de Certeau, em consonância as reflexões sobre os conceitos de *experiência* e *consciência de classe* de Edward Thompson. Mulheres, movimento, práticas.

Introdução

A historiografia paraibana sobre lutas sociais e políticas onde mulheres tiveram participação está, ainda, permeada por enredos particulares, análises e discursos individualizados, estes centrados nas figuras de Elisabeth Teixeira, Margarida Maria Alves, Maria da Penha Silva, mulheres que se mobilizaram em meados do século XX na região do Brejo Paraibano. Apesar da importância dessas histórias, no sentido de apontar para um enorme avanço na historiografia¹ acerca da mulher e de sua participação na política estadual, este estudo pretende dar visibilidade a outras mulheres antes apenas “reclusas” aos seus “sótãos” de memórias.

Dessa forma, pretendo problematizar algumas das atuações de mulheres na cidade de Nova Palmeira² entre 1985 a 1995, intencionando analisar quais mudanças se gestaram ao longo dessa

¹ *Medo da morte: esperança de vida: A história das Ligas Camponesas a Paraíba*, dissertação em história de Maria do Socorro Rangel (2000) sobre as Ligas Camponesas na Paraíba, trazendo enquanto sujeitos de análise a participação de Elisabeth Texeira e Margarida Maria Alves nos movimentos. A tese em história de Alômia Abrantes Silva, *Paraíba, mulher-macho: (des)afios da história (Paraíba, século XX)* (2008) sobre a construção da imagem feminina na Paraíba, que nos proporcionando refletir sobre os espaços e discursos tecidos sobre a mulher no Estado paraibano.

² A cidade de Nova Palmeira fica localizada na microrregião do Seridó Oriental Paraibano. Sua população atual é de 4.361 hab., distribuída em uma área de 310,352 km². Seu bioma é a caatinga, o clima é tropical chuvoso com verão seco. Sua economia aconteça em torno, especialmente, da agricultura de subsistência. Limita-se ao norte com os municípios de Picuí, Pedra Lavrada, Parelhas (RN) e Carnaúba dos Dantas (RN).

atuação e quais espaços de poder foram se edificando nesse percurso, uma vez que me deparei, dentre outros aspectos, com a constituição de um movimento sindical e a formação de um partido de esquerda, o PT (Partido dos Trabalhadores). Por tanto, tratará das memórias ainda não-ditas, não contadas, não interpretadas dessas mulheres pela historiografia, na tentativa de mapear suas áreas de atuação, seus campos de batalha, bem como seus arquivos pessoais, visando descortinar sujeitos que entraram em movimento contra as regras impostas por uma determinada cultura política³ ali existente.

Michelle Perrot em seu artigo *Práticas da Memória Feminina* afirma: “A memória das mulheres é trajada. A vestimenta é a sua segunda pele, a única da qual se ousa falar, ou ao menos sonhar” (1989, p. 14), aborda sobre o cenário social onde a mulher era apenas visitada pelos ornamentos e vestimentas, suas lembranças restritas ao campo apenas da memória. Transcendendo essas incumbências, trajando outros estilos, as mulheres passaram, especialmente nas últimas décadas, a trilhar por diferentes caminhos, driblando a cultura patriarcal e machista.

É nesse sentido que penso a possibilidade deste trabalho, não só para problematizar as práticas, mas também as experiências dessas mulheres ao longo de suas trajetórias no cenário sócio-político escolhido. Por isso, o uso do conceito de *experiência* proposto por Edward P. Thompson (1987), uma vez que o mesmo me permite navegar por espaços de práticas e costumes cotidianos que as levaram a se engajar em movimentos maiores, conseguindo, posteriormente, institucionalizá-los através de um partido político.

Nomes como o de Nega Lourdes, Dona Mocinha (Maria Marques), Marisinha (Maria da Paz), Tedinha (Teresinha de Jesus), são personagens constantes nos depoimentos dados em entrevistas (nove pessoas foram entrevistadas até o momento) e nos documentos coletados, enquanto pioneiras no protagonismo de movimentos sociais em Nova Palmeira. Além dessas mulheres, houvera outras estudantes, agricultoras, funcionárias públicas, professoras, sindicalistas, militantes, que dão norte e continuidade a mentalidades e perspectivas de mudança social, visando melhoria social através da boa educação, saúde, educação, infra-estrutura e, claro, igualdade de direitos. As quatro citadas, ainda vivas, tomadas aqui como representantes das demais mulheres que participaram do processo, se colocam como celeiros de informação, rastros de lacunas e acervo de memórias.

³ Cultura política seria, segundo Rodrigo Patto Sá Motta, um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro” (2009, p. 21).

De(marcando) espaços, re(fazendo) lutas, im(plantando) partido

No Brasil desde a década de 70 o “protagonismo da sociedade civil” (GONH, 2013), entre eles o do viés feminino, já se efetivara nos partidos, sindicatos, grupos sociais, organizações de luta por melhores condições de vida e de trabalho. Neles estavam mulheres da elite, acadêmicas, professoras, domésticas, agricultoras, estudantes, sindicalistas, que compartilhavam ideias de mudança e empoderamento de direitos.

Entretanto, durante a década de 90 os movimentos sociais se veem em fase de defensiva, “acuados” por questões sociais, econômicas e políticas que movimentavam o país na época (forte política neoliberal), caindo o número de greves e mobilizações de cunho popular ou social, onde os trabalhadores, e principalmente os da rede pública, não estavam mais com frequente participação. Os sindicatos passaram a ser menos procurados, principalmente por parte das trabalhadoras (TRÓPIA, 2009).

Dessa forma, entram em cena as *redes de mobilizações* e as *associações civis*. Segundo Glória Gohn (2013), sociologia e pesquisadora dos movimentos sociais no Brasil, novíssimos sujeitos sociopolíticos e culturais aparecem no cenário nacional trazendo discussões e debates sobre várias temáticas, indo da biodiversidade até as lutas étnicas, criando redes de sociabilidades através de ONGs, movimentos sociais, associações comunitárias, fóruns, conselhos, câmaras, que se agrupam, segundo Gohn, em três grandes blocos: os movimentos e ações de grupos identitários que lutam por direitos; movimentos e organizações de luta por melhores condições de vida e de trabalho, no urbano e no rural; e os movimentos globais ou globalizantes como o Fórum Social Mundial. Ainda para a autora, esses movimentos têm caráter educativo, uma vez que tratam da inclusão social, da cultura política e das manifestações educacionais, formal ou informal.

Por isso, quando falamos nesses “novos” movimentos de cunho contestador estamos nos referindo a grupos que se organizam a partir de questões não apenas econômicas, mas especialmente culturais. Há nesse período um desdobramento de focos de luta, com conflitos sociais mais específicos, privilegiando outros espaços, tais como movimento étnico, ecológico, indígena, feminino, dentre outros, se colocam como batalhas das minorias, mas que acometeram, e continuam a acometer, mudanças na estrutura política, econômica e social de um sistema.

Na Paraíba, durante as primeiras décadas do século XX, os movimentos sociais eram frágeis, ligados tanto ao Estado quanto a Igreja Católica. A industrialização era muito pouca. Éramos um Estado atrasado economicamente e na política continuávamos oligárquicos e

autoritários, com práticas assistencialistas e clientelistas para o controle eleitoral. Porém, mesmo diante desse rígido controle sob os trabalhadores do campo e outros grupos sociais, reações existiram.

Nas décadas de 50 e 60 assistiu-se uma forte mobilização no campo, conhecida por Ligas Camponesas, principalmente na região do Brejo Paraibano, inclusive, tendo mulheres como líderes⁴, bem como ações promovidas por grupos estudantis. Nos anos 70 tivemos como destaque a luta pela anistia, onde a sociedade civil teve participação através de operários, mulheres e estudantes. Nos anos 80 viu-se o fortalecimento de grupos esquerdistas com a formação do Partido dos Trabalhadores, tanto a nível nacional como estadual (NUNES, 2003).

Em consonância a essa revisão literária, analiso as atas de eleição, relatórios de encontros, pautas de reuniões do STR (Sindicato dos Trabalhadores Rurais) do município, vislumbrando apreender as ações e participação das mulheres nos programas que envolviam o órgão, pensando como e quando as mesmas atuaram este campo e até que ponto foram inseridas nesse sistema, atentando para o fato de serem documentos produzidos por trabalhadores; Atas de eleição, relatórios de assembleias, pautas de sessões semanais da Câmara Municipal, com vista a mapear datas e informações eleitorais na qual mulheres concorreram a cargos públicos, bem como a atuação das mesmas na esfera política; Ofícios, fotografias, registros de oficinas, cursos e palestras, atas de reunião, de fundação e de reconhecimento, panfletos do Centro de Educação Popular (CENEP), buscando tear um limiar de informações e práticas femininas a partir dos movimentos proporcionados pela ONG, demarcando registros de ações de mulheres antes e depois de sua fundação⁵; Listas de filiação, atas de reunião e de fundação do PT na cidade, atentando para os desdobramentos tecidos para que fosse possível a viabilidade da fundação do partido na cidade, tendo em vista serem as mulheres pioneiras desse movimento.

Enquanto referencial teórico e metodológico Michel de Certeau, através de sua dimensão cultural de análise sobre o cotidiano, me permitiu visualizar sujeitos comuns que fizeram de suas práticas cotidianas, *espaços* e *lugares*⁶ de sobrevivência, ora rompendo com as ordens estabelecidas, ora aproveitando oportunidades para burlar os papéis a eles destinados.

⁴ No Brejo Paraibano era os nomes de Elisabeth Lobo e Maria da Penha Silva que mais se destacavam enquanto líderes do movimento das Ligas Camponesas na Paraíba.

⁵ O mapeamento e compreensão da operacionalização do Centro de Educação Popular nos permite listar uma série de singularidades de mulheres com anseios diferentes, com sensibilidades diversificadas, uma vez que se vê na tessitura do cotidiano da ONG uma variedade de atividades voltadas para o bem estar da comunidade carente.

⁶ A idéia de *lugar* para Michel de Certeau seria a configuração instantânea de posições e relações de um ser próprio e estável, suscetível a mutações colocadas pelo tempo, ao passo que *espaço* é visto como concentração de operações nas quais as coisas acontecem, ou seja, o lugar onde a prática se organiza (CERTEAU, 2008).

Edward Thompson, a partir de sua percepção sobre mulheres e homens comuns, compreendidos a partir dos conceitos de *experiência* e *consciência de classe*, também me possibilitou visualizar atuações e discursos que se fizeram mudanças na cidade de Nova Palmeira, à medida que a reunião de ideias e percepções de mundo iam se aglutinando, se constituindo em um ideal de sociedade comum entre todos aqueles que participaram dos movimentos sociais.

Dessa forma, levanto alguns questionamentos que inspiraram essa proposta: Como foi possível, em uma região paraibana de pequenos municípios, a formação de um movimento sindical rural direcionado por mulheres? Como se deu a fundação de um partido de esquerda como o PT também por meio das mesmas militantes? Como entender essa predominante participação feminina nos movimentos sociais durante a temporalidade proposta onde práticas oligárquicas e patriarcais ainda características da cultura política na cidade?

Luta, sindicato e partido: a presença feminina

Em Nova Palmeira ao longo da década de 80 os grupos pastorais se encarregaram de politizar, através da Teologia da Libertação, os seus agentes. Os jovens e mulheres que participavam das organizações eclesiais, a exemplo da própria CEB (Comunidade Eclesial de Base)⁷, que surgiu na cidade em meados dos anos 80, fortalecendo ideais de mudança, influenciaram de forma efetiva na costura de disputas políticas. De acordo com Machado (1997), a Igreja Católica foi fundamental para a configuração do confronto que se travou entre os setores sociais e as instituições de poder local, a exemplo da Prefeitura, da Câmara de Vereadores e seus partidos de sustentação, inclusive do próprio Sindicato Rural, este que estava sobre poder do estado até final dos anos 80, através de discussões sobre fome, desemprego, saúde, cidadania. Ainda segundo o autor:

Em Nova Palmeira, especificamente, desde meados dos anos 80, esse posicionamento teve influência decisiva na dinâmica de parcialidade assumida pela Igreja Católica nos processos de disputa do poder local, na medida em que, como aliada incondicional de determinados grupos de oposição, abriu suas portas para organização e o fortalecimento público desses diversos setores sociais. (1997, p. 77)

⁷ Segundo Jomar Ricardo (2010), pesquisador das CEBs, em especial na Paraíba, da qual resultou na sua tese de doutoramento intitulada *A Igreja da pós-modernidade: CEBs, poder e cidadania*, as Comunidades Eclesiais de Base surgem em um contexto de oposição da Igreja aos poderes públicos, em meados do século XX, a partir de organizações de base, atreladas aos interesses da sociedade civil, estimulando a participação da população nos espaços de poder da sociedade. Formada por uma estrutura descentralizada e heterogênea, possui tanto membros políticos quanto religiosos, direcionados pelos chamados animadores e agentes pastorais.

No arquivo particular de Mocinha, que tinha o hábito de anotar “tudo” nos seus cadernos de rascunho, como ela os chama, podemos visualizar a formação de um movimento sindical expressivo já em meados dos anos 80 a partir das “comunidades de formação” dirigidas pela Igreja Católica, instituição arcabouço das ações comunitárias e sociais desse período.

No arquivo pessoal da referida, tanto encontramos resumos de eventos pastorais que ela participava enquanto evangelizadora, quanto relatórios produzidos pela mesma sobre o *Encontro de Pastoral Rural*, que aconteceu na cidade vizinha, Picuí, em 14 de junho de 1986, o primeiro que participara, no qual, segundo ela, discutiam o que seria a Pastoral Rural e sua importância na vida do trabalhador rural. No documento ela enfatiza os aspectos positivos do encontro, afirmando ter sido importante, pois serviu de “alerta para – nós – trabalhadores”.

Ela também escreveu sobre outros eventos, como o *Encontro Zonal do Nordeste*⁸, que aconteceu em Nova Palmeira no dia 16 de junho de 1986, marcando a presença de vários padres, entre eles o P.^a Donato⁹. Nesse registro pessoal, a agricultora relata sobre a necessidade de organização e ajuda mútua de todos os trabalhadores para buscar melhorias nas relações de trabalho e a importância de estabelecer articulação entre as cidades vizinhas, ligadas pelos padres das paróquias, como Juazeirinho, Nova Floresta, Frei Martinho, Pedra Lavrada, Cubati, Picuí, indicando conhecimento sobre aquilo que estava envolvida, permeando pela idéia de luta coletiva e unificada. Ela também cita brevemente o *Encontro Zonal do Curimatú*, ocorrido no município de Picuí, em 10 de setembro de 1986, sobre o

Os trabalhos e experiências continuam no ano de 1987, conforme os relatórios e resumos de atividades coletados no acervo documental do CENEP e escritos por um grupo de mulheres, analisadas aqui. Há registros sobre a *Assembléia Mini-Zonal do Curimatáú*, ocorrida em 9 de junho do citado ano, na cidade de Soledade, com representantes de Juazeirinho, Nova Palmeira, Soledade e Pedra Lavrada. Ainda no ano de 1987 encontramos registros do *1º Encontro de Trabalhadores Rurais sobre sindicalismo*, em Nova Palmeira, ocorrido em 5 de julho na cidade.

Nota-se, neste sentido, a existência de uma organização, apoiada pela Igreja Católica, no qual a ideia era "organizar" os trabalhadores e assim lutar pela conquista dos seus objetivos: “Bom salário”, melhores condições de trabalho, saúde, educação, construção de açudes e a própria

⁸ Os Encontros Zonais são reuniões promovidas pela Igreja Católica em união com os Sindicatos delimitados por um número de paróquias “x”, em geral cidades vizinhas, objetivando discutir questões políticas e religiosas que ambos tinham interesses.

⁹ Este padre chegou à cidade através da Diocese de Campina Grande, encarregada de direcionar os padres para a Paróquia de Pedra Lavrada, na qual a Capeta de Nova Palmeira está vinculada. De tendências voltada a Teologia da Libertação, o padre se lançou como mediador de discussões que politizassem os fies, contribuindo para se criar uma mentalidade voltada a lutar por melhorias sociais. Donato mantém contato com a cidade através do CENEP.

reforma agrária. Estes posicionamentos vislumbrados pelas líderes desse movimento, em sua maioria mulheres, na realidade palmeirense da época, demonstra a vivência cotidiana de uma articulação de oposição sindical sistematizada, complexa e efetiva, como veremos adiante.

Ainda em 1987, no dia 11 de outubro, aconteceu o *Encontro de Trabalhadores Rurais: Educação Popular*, com o tema “Direitos e Deveres dos Trabalhadores”, dentre as discussões sobre o tema do capitalismo, foi ressaltado a importância do apoio de instituições, a exemplo do Partido dos Trabalhadores, que surge enquanto instrumento de apoio para assegurar as disputas travadas com os políticos que dirigiam o sindicato na época.

O resultado desses movimentos foi a vitória da chapa, a qual Mocinha estava vinculada, no STR de Nova Palmira, 06 de setembro de 1989, efetivando toda a mobilização existente desde meados dos anos 80 em um só movimento: a luta pela sindicalização e garantia de direitos femininos no sindicato rural.

A partir de então, demarca-se um movimento específico de mulheres. Embora com apoios de figuras masculinas, a exemplo do esposo da entrevista, José Barbosa, e de alguns "companheiros rurais", foram elas que encabeçaram e deram roupagem a luta¹⁰.

O movimento de oposição à diretoria do STR em Nova Palmeira, essa que não aceitava a extensão de benefícios às mulheres associadas, enfrentou fortes resistências dos líderes políticos hegemonicamente masculinos, estes que estavam ligados de forma direta ao presidente do Sindicato na época, órgão, ainda, tutelado pelo Estado. O movimento durou alguns meses e em 05 de março de 1989 Mocinha conseguiu fazer sua ficha de associada, com o n.º de 1007 no Livro de Registro. Entretanto, a luta sindical não findou até aí. Em 02 de fevereiro de 1990 Antônio Pereira Dantas, integrante da chapa apoiada pelo grupo de oposição, vence as eleições e assume a presidência do STR palmeirense.

O movimento pela sindicalização rural feminina, iniciado em 1989, transformou não só a estrutura política que havia dentro do sindicato, dirigido por um só presidente até então, como contribuiu para efetivar uma “consciência de classe” que ainda estava em fase de concretude, tendo em vista não haver registros de outros confrontos diretos com alguma instituição de poder na cidade. Esse movimento também foi importante, pois acionou uma outra forma de luta, dessa vez institucionalizada e oficial.

¹⁰ Segundo Glória Rabay e Maria Eulalia Carvalho (2010), a princípio não há registros na Paraíba sobre lutas sociais vinculadas ao acesso à educação, como aconteceu por outras regiões do país, mas movimentos pelo direito ao voto no começo do século XX, algo já difundido pelo Brasil.

Depois de muitos debates, encontros e reuniões que marcaram a década de 80, a ideia de formar um partido político ganha esboço. No Brasil já vivenciava a atuação de partidos esquerdistas e seus resultados na transformação das condições de trabalho tanto do homem rural quanto do urbano. O PT foi emblemático nesse sentido, por surgir como um partido de trabalhadores e por se encaixar nas propostas e ideologias discutidas nos grupos educativos, religiosos e sindicais nova palmeirenses. O partido abrolha pelo desejo de institucionalizar as práticas e legitimá-las a partir de um lugar de poder, o político.¹¹

Agora as lutas sociais tinham outro lugar de exercício, outras possibilidades e preocupações. À medida que construía pilares e expandiam suas expectativas, fortaleciam os sentimentos de unidade, força e coletividade de um grupo oficial de esquerda, liderado por mulheres. O registro dessa maioria feminina pode ser percebido nas listas de filiados do PT, onde a cada ano novos membros aderiam, mas sempre o número maior de assinaturas era do sexo feminino: em 1991 de 39 filiados, 26 são mulheres e 13 homens; em 1992, de 48, 31 são mulheres e 17 homens; em 1993 de 37 filiados, 26 são mulheres e 11 são homens.

Através do PT, e principalmente depois que Nega Lourdes se elegeu como vereadora pelo partido, em 1992, se viu a configuração de outras manifestações na cidade, desta vez através de diferentes mecanismos de luta¹², a exemplo dos abaixo-assinados, bastante corriqueiros no ano de 1995, em decorrência da falta de luz elétrica em algumas ruas e sítios da cidade. Em meio aos oito abaixo-assinados analisados, entre os anos de 1994 e 1995, direcionados pelo poder político do PT na época, o de maior repercussão foi o documento dirigido ao Procurador da República, em 2 de maio de 1994, objetivando conquistar a municipalização da saúde na cidade, que segundo a fonte, estava em precária situação. Os assinantes exigiam a implantação do SUS na cidade, criado a partir da constituição de 1988, no Brasil, através dos artigos 198 e 200, pois havia uma nítida resistência por parte do Prefeito e da Secretaria de Saúde municipais em promover maior discussão sobre o assunto, de acordo com o documento.

O caso do PT em Nova Palmeira foi peculiar. Uma cidade onde práticas patriarcais e machistas eram bastante visualizadas, a exemplo do poder público ser majoritariamente masculino, se viu a constituição de um partido de esquerda como o PT, fundando-se por direcionamentos

¹¹ Segundo Paulo Nunes (2003), a formação de PT no interior da Paraíba foi complexa, pois enfrentou muito dificuldades, a exemplo da má impressão que os políticos locais criavam sobre o comunismo, das repressões cometidas pelos mesmos para intimar a organização de partidos de esquerda, e por, alguns partidários petistas.

¹² Segundo Gohn (2012), as teorias e concepções sobre “luta de classe”, “revolução”, “ideologia”, surgiram na intenção de promover ações que resultassem em mudanças promovidas por uma classe trabalhadora conscientizada do seu papel e dos seus direitos na configuração dos espaços sociais, tendo em vista serem provenientes de um sistema de produção.

femininos, composto em sua maioria por mulheres que procuraram estar sempre à frente das ações e efetivar mudanças através do mesmo. Entretanto, o partido não ficou ileso de receber reações negativas por parte da população. Os filiados, e principalmente as mulheres, eram conhecidos como comunistas, arruaceiros, radicais, demarcando, ainda, registros característicos de uma herança ditatorial. O exemplo mais emblemático dessas práticas repressivas foram às cartas anônimas¹³ destinadas as líderes partidárias, a exemplo de Nega Lourdes, contendo ameaças de morte.

O Partido dos Trabalhadores atrelado às *práticas cotidianas* femininas estimuladas a partir de outros lugares na sociedade, a exemplo do CENEP, em consonância a uma *consciência* de organização e unidade que as mulheres passaram a adquirir ao longo do tempo, se percebendo enquanto *classe*, esta vista pela ótica de Thompson, possibilitou que elas não poupassem esforços para adentrar aos espaços públicos e se empoderar dos seus direitos enquanto cidadãs e trabalhadoras.

Dessa forma, diante das discussões tecidas acerca das experiências e práticas de mulheres na cidade de Nova Palmeira, verifica-se que em meio a um universo de poder hegemonicamente masculino, elas protagonizaram movimentos que implicaram em mudanças visíveis ao longo das décadas de 80 e 90.

A partir dos depoimentos de quatro mulheres em detrimento a análise das demais fontes coletadas, foi possível construir narrativas que asseguram a participação das mesmas na organização e transformação dos cenários social e político da cidade. Demarcando também, outros espaços de atuação de mulheres no Estado da Paraíba, possibilitando um alargamento na historiográfica sobre o tema ainda fragilizado. Dessa forma, este trabalho contribui para a história no sentido de abordar diferentes narrativas e experiências acometidas no campo de gênero, dando visibilidade a sujeitos que historicamente ficaram ocultas por muito tempo.

Por fim, mesmo que este trabalho ainda tenha deixado muitas lacunas – lacunas também deixadas por fontes ainda não visitadas, falas que continuam no “silêncio” – espero que a análise venha contribuir historiograficamente com o tema das relações de gênero ou, pelo menos, conceda visibilidade para algumas das histórias narradas sobre personagens femininas ainda pouco conhecidas. Aqui não se constitui enquanto fim, mas um começo de uma longa jornada de pesquisa sobre a participação feminina na transformação social e política não só de Nova Palmeira, mas também pelo território paraibano.

¹³ Das várias cartas recebidas, só tivemos acesso a uma dela, direcionada a Nega Lourdes, em 02 de agosto de 1996, pois as outras precisaram ser queimadas por medo de continuarem sendo reprimidas.

Referências Bibliográficas

ABATH, R. J. **Os grupos de mulheres no Estado da Paraíba na conjuntura de novos espaços:** um estudo de caso. Trabalho apresentado no Primeiro Encontro da Rede de Pesquisas sobre o Terceiro Setor da América Latina e Caribe do ISER. Rio de Janeiro, 22 a 24 de abril de 1998.

ABREU E LIMA, Maria do Socorro de. **Construindo o Sindicalismo Rural:** lutas, partidos, projetos. – 2. ed. – Recife : ed. Universitária da UFPE, 2012.

ALMEIDA, Cosma Ribeiro. **A participação do feminino na política paraibana:** mudanças culturais no interior do nordeste brasileiro. Salvador-BA, 07 a 10 de agosto de 2011.

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral.** – 8. ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** – 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na igreja e na política.** – 1 ed. – São Paulo : Outras Expressões, 2011.

DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres:** As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Orgs.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva.* São Paulo: Contexto, 1998, p. 220.

FERREIRA, Ana Paula Romão de Souza. **A trajetória político-educativa de Margarida Maria Alves:** entre o velho e o novo sindicalismo rural – Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa, 2010.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e lutas sociais:** a construção da cidadania dos brasileiros – 7. ed. – São Paulo : Edições Loyola, 2012.

_____. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo.** – 7ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **A política de cara nova (?):** estudo acerca da atuação política das mulheres em Nova Palmeira-PB – Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1997.

MOTTA, Rodrigo Patto de (et. al.). **Culturas Políticas na História: Novos Estudos.** – 1ª ed. – Belo Horizonte : Argvmentvm, 2009.

NUNES, Paulo Giovani Antonino. **O Partido dos Trabalhadores e a política na Paraíba:** construção e trajetória do partido no Estado (1980/2000) – Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

PAIVA, Eduardo França. *Renovação na historiografia e na sala de aula.* In: **História & imagem** – 2 ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006 (p. 11-34).

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História:** operários, mulheres e prisioneiros. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RABAY, Glória; CARVALHO, M. E. Pessoa de (Orgs.). **Mulher e Política na Paraíba:** história de vida e luta. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

RANGEL, Maria do Socorro. **Medo da Morte; Esperança de Vida:** a história das Ligas Camponesas na Paraíba – Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SILVA, Alômia Abrantes da Silva. **Paraíba, mulher-macho:** tessituras de gênero, (dessa)fiões da história (Paraíba, século XX) – Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Jomar Ricardo da. **A igreja na pós-modernidade:** CEBs, poder e cidadania. – João Pessoa : Editora Universitária da UFPB, 2010.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres.* In: BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: novas perspectivas.** – 4ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992 (p. 75).

THMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa:** 1 : a árvore da liberdade. – Tradução de Denise Bottmann. – 6. Ed. – São Paulo : Paz e Terra, 2011.

_____. **Costumes em Comum** – Revisão técnica Antonio Negro, Cristina Menegello, Paulo Fontes. – São Paulo : Companhia das Letras, 1998.